

Almada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

IIª série #20 (tomo 2) Jan. 2016

A RECONSTITUIÇÃO ARQUEOLÓGICA

uma tradução visual



**Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores
nos mosaicos hispânicos**

**Placas de Xisto Gravadas:
o caso do Castelo de Pavia**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

**dois suportes...
...duas revistas diferentes**

**o mesmo
cuidado editorial**

al·madan

revista impressa



**Iª Série
(1982-1986)**

**IIª Série
(1992-...)**



(2005-...)

**al·madan
online**

**revista digital
em formato pdf**

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]



edições

CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Luís Barros e Jorge Raposo

Composição gráfica sobre ilustração que reconstituiu visualmente a informação arqueológica disponível sobre a *Domus* de Santiago, em Braga.

Ilustração © César Figueiredo.

Al-Madan
online

II Série, n.º 20, tomo 2, Janeiro 2016

Propriedade e Edição |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

Tel. / Fax | 212 766 975

E-mail | secretariado@caa.org.pt

Internet | www.almadan.publ.pt

Registo de imprensa | 108998

ISSN | 2182-7265

Periodicidade | Semestral

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Patrocínio | Câmara M. de Almada

Parceria | ArqueHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.^a

Apoio | Neoépica, Ld.^a

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Elisabete Gonçalves
(publicidade.almadan@gmail.com)

Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Redacção | Vanessa Dias,
Ana Luísa Duarte, Elisabete
Gonçalves e Francisco Silva

Resumos | Jorge Raposo (português),
Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel
dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem
e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Vanessa Dias, Graziela Duarte,
Fernanda Lourenço e Sónia Tchissolte

Colaboram neste número |

Marco António Andrade, Luísa Batalha,
Márcio Beatriz, Nuno Bicho, Jacinta
Bugalhão, Maria Teresa Caetano,
Guilherme Cardoso, João Cascalheira,
Fernando Augusto Coimbra, José M.

Lopes Cordeiro, Cláudia Costa, Catarina
Costeira, Ana Pinto da Cruz, Vanessa
Dias, José d'Encarnação, Miguel Feio,
César Figueiredo, Silvério Figueiredo,
Rui Ribolhos Filipe, João José F. Gomes
†, Célia Gonçalves, Susana Gómez
Martínez, António Gonzalez, Marta
Isabel C. Leitão, Marco Liberato,
Virgílio Lopes, Olalla López-Costas,
Andrea Martins, Rui Mataloto, João
Marreiros, Lara Melo, Luís Campos

Paulo, Franklin Pereira, Telmo Pereira,
Severino Rodrigues, João Maia Romão,
Raquel Caçote Raposo, Sofia Soares,
Maria João de Sousa e António Carlos
Valera

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan*
não seguem o Acordo Ortográfico de 1990.
No entanto, a revista respeita a vontade dos
autores, incluindo nas suas páginas tanto
artigos que partilham a opção do editor
como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Depois de, no anterior Tomo, ter dedicado merecido espaço à ilustração científica, no caso aplicada ao registo e interpretação patrimonial de um dos mais antigos moinhos de maré do estuário do Tejo, a *Al-Madan Online* volta ao tema.

Agora, apresenta-se uma reflexão da sua aplicação à reconstituição de contextos e estruturas arqueológicas, traduzindo visualmente o estado do conhecimento que deles dispomos, numa mediação criativa entre a Ciência e os diferentes públicos. Entre os vários exemplos de aplicação, destaca-se a espectacular modelação 3D da Lisboa romana (*Olisipo*) que muitos já terão tido a felicidade de ver, nomeadamente na exibição do documentário sobre o fundeadouro recentemente descoberto no subsolo da frente ribeirinha desta cidade (filme realizado por Raul Losada, com uma contribuição muito importante deste projecto gráfico de César Figueiredo).

Outros estudos desenvolvem matérias relacionadas com o mesmo período histórico, ao tratar as então muito populares corridas de cavalos através da sua representação nos mosaicos tardo-romanos da Hispânia, ou as cerâmicas de verniz negro recolhidas nas mais recentes escavações arqueológicas do Teatro Romano de Lisboa, que atestam a integração da cidade nos sistemas de circulação de pessoas e de bens que já a ligavam à Península Itálica e ao mundo mediterrânico nos séculos II-I a.C. Mas, a propósito de um conjunto de placas de xisto gravadas provenientes do povoado calcolítico do Castelo de Pavia (Mora), há também uma reflexão sobre a presença, em contextos habitacionais, de materiais normalmente associados a práticas funerárias pré e proto-históricas. Outros autores abordam a produção de cerâmica vidrada em Alenquer, durante o século XVI, e integram essa actividade no plano mais geral da olaria coetânea na região do baixo Tejo. Por fim, a secção completa-se com a problemática da História militar medieval e da guerra de cerco, a propósito da conquista da cidade islâmica de Silves por D. Sancho I, em 1189, com o apoio de cruzados que se dirigiam à Terra Santa. Num plano patrimonial mais geral, dá-se a conhecer a oficina artesanal de Manuel Capa e dos seus filhos José e Carlos, em Tibães (Braga), especializada na reprodução das ferramentas usadas para trabalhar o couro, no domínio de artes ornamentais que remontam ao século XV. E não são esquecidos os vestígios da presença islâmica no nosso território, evidenciados por porta reconhecida na adaptação do antigo Convento de Nossa Senhora de Aracoeli a pousada, em Alcácer do Sal, nem o primeiro templo cristão construído em Albufeira, no século XIII ou em data anterior, destruído pelo terramoto de 1755 e agora realocado por intervenção arqueológica que também recorreu a técnicas de Arqueologia da Arquitectura. Notícias diversificadas dão conta de trabalhos e projectos recentes de natureza muito diversificada e, a terminar, reúne-se um amplo conjunto de comentários e balanços a eventos científicos e patrimoniais de âmbito nacional e internacional, consolidando a *Al-Madan Online* como veículo privilegiado para a rápida mediação e promoção do diálogo interdisciplinar e da Cultura científica. Como sempre, votos de boa leitura!...

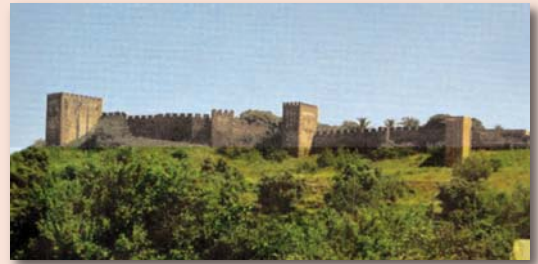
Jorge Raposo

EDITORIAL ...3 ▶

ESTUDOS



A Reconstituição
Arqueológica: uma
tradução visual |
César Figueiredo...6 ▶



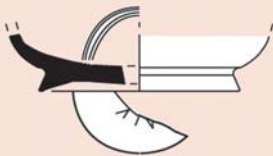
Guerra de Cerco (Silves) |
Lara Melo...64 ▶

Ludi Circenses
e Aurigas Vencedores nos
Mosaicos Hispânicos |
Maria Teresa Caetano...14 ▶



PATRIMÓNIO

Nos Bastidores de um
Ofício: as ferramentas
para trabalhar o couro da
oficina de Manuel Capa
(Tibães, Braga) |
Franklin Pereira...73 ▶



A Cerâmica Campaniense
do Teatro Romano de Lisboa |
Vanessa Dias...34 ▶



A Porta Muçulmana da
Alcáçova de Alcácer do Sal |
Marta Isabel Caetano
Leitão...80 ▶

Placas de Xisto Gravadas em
Contexto de Povoado: o caso
do Castelo de Pavia (Mora) |
Marco António Andrade,
Catarina Costeira e Rui
Mataloto...43 ▶



A Igreja de Santa
Maria de Albufeira |
Luís Campos Paulo...86 ▶



Produção Oleira Renascentista na Bacia
Hidrográfica do Baixo Tejo: a produção de cerâmicas
vidradas em Alenquer, durante o século XVI |
Guilherme Cardoso, João José Fernandes Gomes †,
Severino Rodrigues e Luísa Batalha...54 ▶



NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano: um novo polo de investigação arqueológica | Cláudia Costa, Célia Gonçalves, João Cascalheira, João Marreiros, Telmo Pereira, Susana Carvalho, António Valera e Nuno Bicho...98 ▶



Balas, Botões e Fivelas: intervenção arqueológica no Campo de batalha do Vimeiro | Rui Ribolhos Filipe...101 ▶

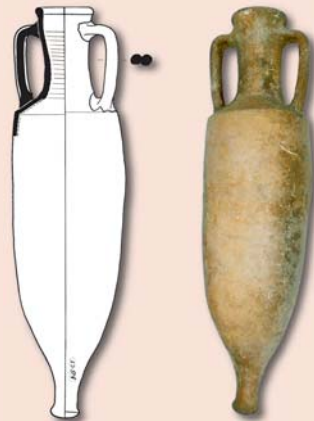


Pelourinho de Vila Verde dos Francos (Alenquer): formatos antigos, novos usos - um caso de reaproveitamento | Raquel Caçote Raposo...106 ▶



Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros: uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo | António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa...108 ▶

Ânfora Romana Dressel 2-4 Recolhida ao Largo do Cabo Espichel | Guilherme Cardoso e Severino Rodrigues...110 ▶



EVENTOS

Lusitânia Romana, Origem de Dois Povos: tema de congresso internacional | José d'Encarnação...111 ▶

INCUNA 2015: XVII Jornadas Internacionais de Património Industrial | José Manuel Lopes Cordeiro...114 ▶

Workshop Paleodiet meets Paleopathology: using skeletal biochemistry to link ancient health, food and mobility | Olalla López-Costas...117 ▶

I Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História: um balanço final | Silvério Figueiredo, Fernando Augusto Coimbra e Miguel Feio...119 ▶

XIX International Rock Art Conference | Andrea Martins...120 ▶

Simpósio de Materiais Líticos em Barcelona | Sofia Soares...122 ▶

XIII Congresso da Association Internationale pour l'Étude de la Mosaique Antique | Virgílio Lopes...123 ▶

XI Congresso Internacional sobre a Cerâmica Medieval no Mediterrâneo | Susana Gómez Martinez e Marco Liberato...124 ▶

Arqueologia em Lisboa: mesa-redonda e encontro | Jacinta Bugalhão...125 ▶

2ª Mesa-Redonda Peninsular Tráfego de Objectos | Ana Pinto da Cruz...127 ▶

II Fórum sobre Património Natural, Etnográfico e Arqueológico | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Colóquio PRAXIS IV | Ana Pinto da Cruz...128 ▶

Simpósio Fusis Φυσις: o ser humano e os mistérios da Vida, da Morte e do Céu | Ana Pinto da Cruz...129 ▶

Colóquio Internacional Enclosing Worlds | António Carlos Valera...130

Lisboa 1415 Ceuta: história de duas cidades | Jacinta Bugalhão...132 ▶

Vestígios da Presença Templária no Castelo dos Mouros

uma laje epigrafada com a Cruz de Cristo

António Gonzalez, Márcio Beatriz, João Maia Romão e Maria João de Sousa

[antonio_guilherme10@hotmail.com; marcio.tvr@gmail.com;
joao_r17@hotmail.com e maria.sousa@parquesdesintra.pt]

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Introdução

Quando em 1973 se formou o Grupo de Estudos e Prospecções Arqueológicas (GEP), na Amadora, deu-se início a um trabalho intensivo de prospecções arqueológicas na área envolvente daquela cidade. Várias estações arqueológicas foram identificadas e da colaboração com outros investigadores de concelhos limítrofes e de grupos locais, entre eles o Espeleo-Clube de Sintra, deu-se a criação da Comissão Inter-Concelhia de Proteção do Património Histórico-Cultural de Cascais, Oeiras (Amadora integrava então o concelho de Oeiras) e Sintra, à qual se juntou mais tarde Loures.

Numa das muitas incursões pela Serra de Sintra, já na década de oitenta, António Gonzalez – um dos impulsionadores destes grupos de pesquisa e proteção patrimonial – pôde identificar uma laje calcária embutida num dos panos da muralha do Castelo dos Mouros, a qual apresentava uma cruz de quatro braços curvilíneos inscrita num círculo, comumente identificada como Cruz Templária.

Em 2010, em virtude dos trabalhos de investigação arqueológica em curso no local, António Gonzalez comunicou a sua localização à arqueóloga responsável pelos trabalhos, Maria João de Sousa, de modo a que o achado viesse a integrar os resultados da investigação. Uma vez que esta laje se assemelha a uma tampa de sepultura, irá contribuir para os dados já recolhidos referentes à necrópole medieval cristã da Igreja de São Pedro de Canaferrim, que foi escavada de 2009 a 2012.

Contextualização histórica e arqueológica

Após a conquista de Santarém, Lisboa e Sintra, em 1147, D. Afonso Henriques outorga foral a Sintra em 1154, na tentativa de atrair povoadores (*POR-TVGALIAE...*). No âmbito desta política de promo-

ção de fortificações e povoamento de importantes pontos estratégicos e militares, a Ordem do Templo chega a Portugal em 1128 (*DOCUMENTOS...*, f. 79: 101).

Encontrando-se Sintra inserida num espaço de oscilação fronteiriça entre os reinos cristão e muçulmano, cerca de uma década após a tomada de Lisboa, foi doada a Gualdim Pais, mestre da Ordem do Templo (*DOCUMENTOS...*, f. 257: 318-319).

Com a entrega de Sintra a “30 povoadores” (COSTA, 1976), a construção do templo cristão e a fundação da Paróquia de São Pedro de Canaferrim (a qual se estendeu ao município de Cascais até 1364), a população foi-se agregando em torno desta e ocupando o território.

Mas, se por um lado estas doações asseguravam a defesa e povoamento do espaço conquistado, face à constante ameaça invasora muçulmana, por outro fragmentavam o poder régio o que, nos inícios do século XIV, constituirá a principal causa para que os monarcas procurem reivindicar essas terras ou bens levando à extinção das ordens, como viria a acontecer à do Templo, após as inquirições de D. Dinis (ANTT).

Uma vez que os bens passariam a ser administrados pela coroa, D. Dinis doa à rainha Santa Isabel a Vila de Sintra e o seu termo, em 1287 (*CHANCELARIA...*), permanecendo na Casa das Rainhas até 1383, subentendendo-se, portanto, que a ocupação do Castelo dos Mouros pelos templários se situa entre 1157 e 1287.

Esta ocupação pode também ser aferida através de vestígios arquitetónicos e arqueológicos, uma vez que o auxílio destes cavaleiros se refletiu também na reedificação das estruturas fortificadas pré-existentes, com a introdução de novas técnicas arquitetónicas, adquiridas sobretudo através dos confrontos na Terra Santa (OLIVEIRA, 2010: 248).

No que concerne à Arqueologia, os trabalhos que foram realizados pela Parques de Sintra - Monte da Lua no Castelo dos Mouros não identificaram vestígios que possam ser associados à presença templária, com exceção do intenso uso da necrópole da Igreja de São Pedro de Canaferrim, revelador da numerosa ocupação do local pelas populações cristãs.

Contudo, é precisamente em contextos de necrópole que é possível identificar a representação da cruz adotada pelos Templários em meados do século XII, apesar de se tratar de uma figuração já existente no século VI (LOUÇÃO, 2009: 237) e que continuaria a ser usada também depois da extinção desta ordem (OLIVEIRA, 2006: 223).

Trata-se de uma cruz com variadas denominações, como pátea, orbicular, espalmada de braços côncavos e de braços curvilíneos (OLIVEIRA, 2006: 223), que surge associada a estelas utilizadas como cabeceiras de sepultura, assinalando o enterramento, ou como lajes de cobertura das mesmas. Embora as escavações realizadas entre 2009 e 2012, na necrópole de São Pedro de Canaferrim, não tenham identificado qualquer estela ou laje funerária epigrafada, as necrópoles de São Miguel de Odrinhas e São João das Lampas, duas das nove necrópoles medievais já escavadas no concelho, forneceram estelas onde a cruz templária é predominante (RIBEIRO, 2006: 604-605).

No entanto, o facto de existir uma laje calcária, com gravura em baixo relevo, semelhante aos conjuntos que têm sido identificados em contexto de necrópole, embutida num dos panos da muralha do Castelo dos Mouros, revela alguns indícios do que poderá ter acontecido a tantas outras que possam ter existido.

Localização e descrição

Localizada no pano de muralha Oeste, sob o caminho de ronda que da Praça de Armas sobe à Torre Real, a laje destaca-se por se tratar de um elemento de calcário entre os restantes blocos de granito que constituem a muralha (Fig. 1).

Embora o acesso seja muito dificultado, é possível aceder-lhe por uma brecha existente entre os penedos onde este troço de muralha assenta.

Da observação no local, a laje, com cerca de 68 cm de altura por 43 cm de largura e 15 cm de espessura, apresenta um disco insculturado com um diâmetro de 27 cm e, no seu interior, uma cruz. A cruz patada em baixo relevo apresenta braços iguais retos, que terminam de forma convexa inscritos num círculo, com cerca de 9-10 cm de comprimento e 5 cm de largura (Figs. 2 e 3).

Este tipo de laje encontra paralelos em diversos exemplares identificados em necrópoles medievais do território português, apesar de ser mais comum a sua configuração discoide, sendo muito semelhante às estelas em exposição permanente no Museu Arqueológico de Odrinhas, pertencentes ao espólio recolhido no concelho (RIBEIRO, 2006: 609-611); no acervo do Museu Nacional de Arqueologia (MOREIRA, 2006); e outras identificadas no decurso de levantamentos concelhios (CARDOSO, 2006; OLIVEIRA, 2006).

Pelo facto de estar inserida no pano de muralha, num local praticamente sem acesso, a mesma encontra-se relativamente bem preservada.

Conclusão

A existência deste elemento inserido num dos panos de muralha do Castelo dos Mouros levanta mais questões acerca das fases construtivas do castelo.

Se por um lado foi possível integrar parte do troço Este da cintura de muralha na segunda metade do século XII, o mesmo não se aplica a este troço da muralha Oeste.

A muralha Este limita a extensão da necrópole de São Pedro de Canaferrim que, de acordo com o espólio numismático identificado durante a escavação das sepulturas, terá sido utilizada entre a segunda metade do século XII e o século XIV. Verificou-se, durante as escavações, que as sepulturas que se encontravam numa cota mais superficial não possuíam lajes de cobertura, tendo-se identificado cerca de três sepulturas parcialmente cobertas com lajes toscas de calcário, o que leva a supor a reutilização destes elementos pétreos, como se verifica no troço Oeste da muralha.

Considerando que, pelos dados arqueológicos, o

Bibliografia

Fontes manuscritas

ANTT, Gaveta 7, maço 18, n.º 2.

CHANCELARIA de D. Dinis. Livro 1, fólio 201-201v.

Fontes impressas

DOCUMENTOS Medievais Portugueses, Documentos Régios. Vol. I (a.D. 1095-1185). Ed. Azevedo, R. (1958). Lisboa: s.n., Fólio 79, p. 101 e Fólio 257, pp. 318-319.


PORTUGALIAE Monumenta Historica, a saeculo octavo post christum usque ad quintumdecimum. Leges et Consuetudines. Vol. I, fasc. III. Dir. Herculano, A. (1865-1869). Lisboa: *Inssv academiae scientiarum olisiponensis*, pp. 13-14 e 383-385.



FIG. 1 – Laje embutida na muralha do Castelo dos Mouros, Sintra.



FIG. 2 – Pormenor da laje.

Castelo terá sido povoado pelo menos até ao século XIV, a inserção de uma lápide com uma cruz gravada no aparelho construtivo do pano de muralha só poderá ter acontecido em época posterior, pelo que existe a possibilidade do troço em questão reportar às grandes obras efetuadas no Castelo dos Mouros pelo monarca D. Fernando II, cerca de 1840. 

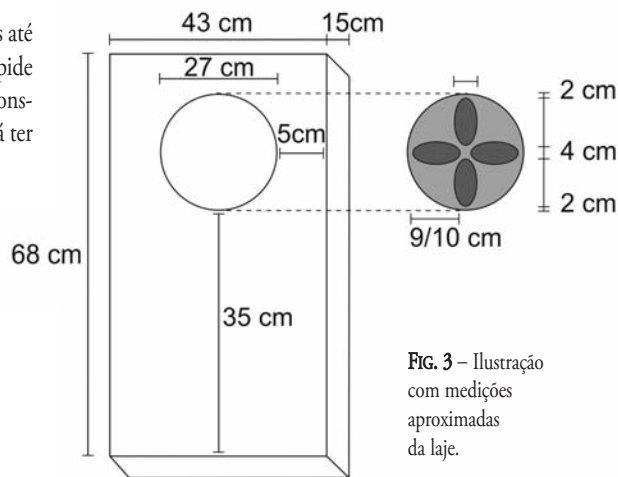


FIG. 3 – Ilustração com medições aproximadas da laje.

Estudos

CARDOSO, G. (2006) – “Estelas do Concelho de Cascais”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Suplemento 3, pp. 571-596 (*Actas do VIII Congresso Internacional de Estelas Funerárias*).

COSTA, F. (1976) – *O Foral de Sintra (1154)*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

LOUÇAO, P. A. (2009) – *Os Templários na Formação de Portugal*. Lisboa: Ésquilo Edições e Multimédia.

OLIVEIRA, A. C. (2006) – “Cabeceiras de Sepultura do Concelho de Loures”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. Suplemento 3, pp. 215-242.

OLIVEIRA, N. V. (2010) – *Castelos Templários em Portugal*. Lisboa: Ésquilo Edições e Multimédia.

MOREIRA, J. B. (2006) – “Cabeceiras de Sepultura do Museu Nacional de Arqueologia”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. Suplemento 3, pp. 283-308.

RIBEIRO, J. (2006) – “A Estela Funerária Medieval: questões de origem e terminologia, rotas de difusão, enquadramento histórico e função social”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: MNA. Suplemento 3, pp. 597-611.

al-mada-ma

online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[c.arqueo.alm@gmail.com]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]